

O Luto como Vivemos: Educação para Morte¹

Valéria Tinoco

Gosto muito de classificar o meu trabalho e o trabalho dos integrantes desta mesa e de tantos outros profissionais de Educação para a Morte. Além do trabalho clínico e de pesquisa com morte, perdas e luto, pensar que podemos educar e contribuir para a ampliação e transformação das atitudes frente a morte e o morrer e o processo de luto é muito satisfatório.

Talvez não seja aqui o principal lugar para falarmos sobre Educação para a morte pois aqueles que estão aqui nos ouvindo já puderam optar por não ficar alheios a este tema. Por outro lado, é com vocês que podemos discutir pois não adianta quereremos falar para aqueles que não estão dispostos ou não podem ouvir (ainda). O que estamos ouvindo aqui pode servir para contribuir e destacar a importância da nossa atitude e do nosso trabalho. Isso talvez ajude a explicitarmos a necessidade da Educação para a Morte para esses que ainda não estão conosco.

Afinal, o que é a Educação para a Morte? Será possível modificar, transformar e ensinar sobre a morte? Primeiramente, toda vez que nos referirmos a Educação para a Morte, incluímos aí a morte, o morrer e o processo de luto que acompanha e segue estes processos.

¹ Palestra proferida no dia 03 de outubro de 2003 no II Congresso Brasileiro de Psicologia da Saúde e Psicossomática e II Simpósio Brasileiro de Psiconeuroimunologia, São Paulo - SP.

Nós que trabalhamos com morte e luto somos indagados pelas pessoas ao nosso redor: Por que você estuda este assunto? Vai passar um fim de semana fazendo um curso sobre luto? Trabalhamos com o mais horrível?

Se por um lado é crescente o número de pessoas que se interessa por este assunto, é grande o número de pessoas que demonstra atitudes de negação ou evitação quando o assunto é morte. A morte ainda é um tema desconfortável na nossa e em muitas culturas. A atmosfera de negação da morte que se instala nestas culturas influencia novas gerações, resultando numa compreensão pobre tanto da vida quanto da morte.

Educação para a Morte é preparação para a vida. Segundo o autor Patrick Dean, Death Education deveria se chamar Life and Loss Education, educação para a vida e perdas, “pois só quando temos consciência da finitude das coisas e de nós mesmos estamos livres para estar no presente e inteiros”.

Estudar sobre a morte e luto nos dá uma visão completa do ser humano. Não falar ou pensar sobre esses assuntos não enfraquece sua força, não a deixa menos horrível...ao contrário, limita nossas chances de enfrentamento.

Vamos falar um pouco sobre a negação da morte vivida pelos profissionais de saúde. A morte faz parte do cotidiano destes profissionais. A falta de preparo e cultura sobre este tema faz com que fiquem limitados em seu trabalho. Esta limitação se dá somando-se a sensação de impotência que a convivência com a morte traz. A possibilidade de transformarmos estes aspectos, oferecendo formação aos profissionais e modificando a visão de impotência pode possibilitar a aceitação da morte e, conseqüentemente, diminuir a frustração e desmotivação pelo trabalho. Além disso, a Educação para a Morte está a serviço destes profissionais já que há uma imagem que não

devemos mostrar nossas emoções, o que não é saudável física e psiquicamente.

Que profissionais devem ser atingidos por esta Educação? Médicos, enfermeiros, psicólogos, outros profissionais da saúde, funcionários dos hospitais e outros profissionais também, como diretores funerários, policiais, bombeiros, professores, que em algum momento estarão em contato com a morte.

Parte do objetivo da Educação para a Morte é colocar ao alcance de todos novas teorias, novas pesquisas e novas atitudes frente a morte, o morrer e o luto.

Educação para a Morte que nos interessa é aquela que une a teoria com vivências, na construção de um conhecimento adequado.

É necessário ir em busca do conhecimento próprio de cada cultura, lembrando que a maioria das teorias e pesquisas que temos acesso referem-se a uma população de classe média branca. O processo educativo e de transformação se dá de modo único em cada população.

Educação para a morte envolve pensarmos a morte de modo amplo, incluindo situações de guerra, violências e catástrofes e suas possíveis prevenções e, porque não, pensar em um maior respeito à vida.

A Educação para a Morte possibilita o enfrentamento em situações perdas e crises, com o desenvolvimento de recursos próprios para isso.

Também contribui para melhorar o aproveitamento da vida, reduzindo o medo de morrer. Há algumas pesquisas que mostram isso.

Um documento formulado pela IWG – International Work Group for Death, Dying and Bereavment, em 1994 diz que “Morte e morrer e o processo de luto

são aspectos fundamentais e que permeiam a experiência humana. Indivíduos e sociedades sentem-se completos quando são capazes de observar e compreender esta realidade. A ausência desta compreensão e apreciação pode levar a um sofrimento desnecessário, perda da dignidade, alienação e diminuição da qualidade de vida. Por esta razão, Educação sobre morte, morrer e luto, tanto formal quanto informalmente, é um componente essencial do processo de educação em todos os níveis”.

Como se dá a Educação para a Morte? A Educação se dá pela comunicação. A comunicação é um dos processos básicos de todo o processo educativo. Um dos principais objetivos do trabalho do educador para a morte, é a facilitação do processo de comunicação, da expressão dos sentimentos e necessidades do indivíduo, família e outros envolvidos. Lembremos que no processo de morte e morrer e luto a comunicação está mais difícil. Há também por parte destes (indivíduo enlutado, paciente, família e cuidadores, profissionais ou não) uma dificuldade de reconhecimento dos sentimentos, receio de expressá-los , de compartilhá-los e tabus em falar de alguns assuntos.

Algumas propostas para a Educação para a Morte:

- Educação desde o berço:

Crianças a partir dos 3 anos de idade podem ter acesso a este tema por meio de conversas, livros, filmes e, principalmente, ter suas perguntas respondidas! Isso faz com que as escolas ocupem um papel importantíssimo: é necessário, portanto, a instrumentalização do corpo técnico-pedagógico e funcionários. Estes devem estar preparados para falar sobre o tema e para facilitar a

expressão e elaboração no caso de vivência de uma perda e luto por um aluno. O papel neste caso é de não contribuir para a negação e formação de indivíduos que não sabem lidar com perdas. É importante lembrar também que a escola tem papel profilático no desenvolvimento de crises.

- Educação para a Morte na comunidade: tornar a comunidade apta para lidar com questões sobre morte e luto.
- Educação para a Morte para profissionais da saúde: desde a formação universitária (são poucas as disciplinas oferecidas sobre o tema; psicologia do desenvolvimento não inclui morte e luto). Mesmo assim são os profissionais que têm mais preparo.
- Educação para a Morte na mídia: trazer o tema de modo correto, que suscite o debate e leve ao aprendizado.

A boa notícia é que os esforços para aumentar o conhecimento sobre morte, morrer e luto estão crescendo assim como a prática dos profissionais de saúde nesta área.

Bibliografia:

- Ai, Katayama (2002) death Education Curriculums for Elementary Schools in Japan in *Illness, Crises and Loss*, vol. 10, n. 2, abril, 138-153.
- Ann, L.D., Lee, A.S. (2002) *The Last Dance – Encountering Death and Dying*, Nova Iorque, McGraw-Hill.
- Curtis, K. K., Mc Gee, M.G. (2000) An Overview of Physician Attitudes toward Death and Dying: History, Factors, and Implications for Medical Education, in *Illness, Crisis and Loss*, vol. 8, n. 4, outubro, 341-349.

- Kovács, Maria Julia (2002) *Educação para a morte: um desafio na formação de profissionais de saúde e educação*, Trabalho para Título de Livre-Docência, USP, São Paulo, 316 p.